

## *IGREJA DO BAIRRO DA BOAVISTA E CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL DE SÃO JOÃO DA BOAVISTA*

O local da intervenção é, presentemente, um terreno sobrando e desqualificado que, no entanto, já serve de ponto de encontro da comunidade que aqui habita – uma ágora informalmente constituída, cujos muros e passeios são grandemente concorridos e ocupados por grupos e ajuntamentos que por aqui coincidem. Este facto indicia, claramente, a vocação agregadora do lugar e confirma o acerto da criação de uma praça à cota baixa, em ligação directa com a rua Rainha Dona Brites e com o flanco poente do bairro. Por via da diferença de cota que existe entre esse lado e o extremo oposto, junto à Escola Básica Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles, afigura-se-nos adequada a criação de um edifício-muro que, partilhando a lógica constitutiva e a compleição matérica do Centro de Saúde se alongue a partir da sua geometria, prolongando para nascente o limite da nova praça que assim fica criada. Este edifício estender-se-á, depois, ainda mais, originando um recesso onde se dispõem escadas e rampas que vencem o desnível e que complementam a cintura da praça, fechando o lado norte, junto ao Centro Comunitário. Desta forma, através de uma peça única que se ajusta a cada circunstância, procura-se estabelecer uma praça pública ao nível da rua e ordenar o espaço à cota alta, viabilizando a transição entre os diferentes níveis e albergando, no processo, parte importante do programa.

*«Isolado, um edifício mostra-se inteiramente e, criando várias praças pela sua posição acertada, enriquece consideravelmente as perspectivas urbanas. [Ademais, um] edifício colocado de uma maneira assimétrica [criará] praças de caracteres essencialmente diferentes, apresentando o edifício de maneiras distintas.»*

JEANNERET, Charles-Edouard. Apontamentos para a edição do livro *La construction de villes* [Ms, s.p.], arquivados nos arquivos da Fundação Le Corbusier: FLCB2-20, citado em SEQUEIRA, Marta. *Para um espaço público – Le Corbusier e a herança greco-latina na cidade moderna*, pp. 81. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

colocação da igreja

Complementarmente, o volume da igreja é posto num ponto central da nova praça, organizando-a em partes desiguais, que se pretendem harmónica e equilibradamente dimensionadas – procurando satisfazer o sentido original da palavra «simetria», enquanto expressão das relações adequadas e ponderadas entre as medidas, entre as partes de um todo<sup>1</sup>, calculadas com vista a um «resultado satisfatório para o espírito e para os olhos»<sup>2</sup>. Deste modo, ao invés de uma só praça, fica criada uma rede de espaços que geram ambientes de diversificados sentidos, multiplicadores de usos e espiritualmente enriquecedores

A colocação da igreja na praça é, depois e ainda, realçada pela sua posição elevada, solta do chão, posta entre o céu e a terra, evocando a Deus e ao ascendimento. Deste modo é adicionado um novo espaço urbano – uma praça coberta, um adro baixo – que se constitui como o lugar de acolhimento e estadia, num ambiente protegido do sol excessivo e da chuva. Fica a praça mais ampliada e diversificada nas suas

---

<sup>1</sup> E não a similitude ou mera reprodução das partes opostas, que comumente lhe está associada. «Simetria» poderá corresponder ao que actualmente, de forma imprecisa, se denomina de «proporção».

<sup>2</sup> VIOLLET-LE-DUC. *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*, vol. 8, pp. 507-508. Paris: B. Bance, 1854, citado em SEQUEIRA, Marta. *Para um espaço público – Le Corbusier e a herança greco-latina na cidade moderna*, pp. 92. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

valências, possibilitando o acolhimento de eventos das mais distintas naturezas – tal como expresso no programa preliminar –, sem que com isso se perturbe ou comprometa a presença e os propósitos da igreja. O adro e o corpo da igreja que acima dele se suspende no ar, acham-se alinhados com a rua Rainha Dona Maria I, constituindo dessa forma o ponto de fuga desta artéria. Fica a igreja o objecto para o qual converge o sentido, o movimento e o olhar, isolada por entre a mancha arborizada da colina a nascente, aqui pano de fundo. Esta posição específica também importa à perspectiva que se obtém a partir da rua Rainha Dona Brites, uma vez que o volume, assim disposto, assinala convenientemente o eixo do cruzamento das duas artérias perpendiculares. Este posicionamento, em suma, outorga à igreja o desejado protagonismo, evocando o relevo e o significado que histórica e espiritualmente lhe é devido.

*«Procuró sempre uma linguagem limpa, quase bíblica. O que me interessa é encontrar hoje uma frase nova que seja antiga.»*

TAVARES, Gonçalo M. Entrevista a Luís Ricardo Duarte e Maria Leonor Nunes, *Jornal de Letras* de 20 de outubro a 2 de novembro de 2010.

E, se pela sua posição, o volume alteado se distingue e prevalece, também a sua constituição material contribui para o anúncio do seu carácter excepcional. Em contraposição ao edifício/ muro em betão armado, a igreja, lugar de Deus, é aqui posta, toda ela, como uma peça especial, de um imaculado e contrastante branco – celebrando e acolhendo a luz que constrói a sombra protectora, abaixo. Procura-se um volume depurado, uma peça cuja raridade resulte mais da sua apropriada escala e da justa proporção das suas partes. Ainda assim, a face inferior deste volume – aquela que é vista mais de perto e que constitui o tecto da praça coberta – será revestida a azulejo detalhadamente composto, dando inusitada vibração a este plano e dando contemporânea continuidade à celebrada tradição portuguesa de assim adornar os templos antigos.

o adro

Elevado sobre a praça, estabelece-se o adro da igreja, formado pelo recuo do edifício-muro, pelo recorte gerado pelos acessos entre níveis e pelo volume do Centro Paroquial, que aqui se destaca. Este conjunto, pela sua posição, estabelece-se como um patamar intermédio que reserva para a igreja um lugar protegido, um lugar próprio de vocação unívoca. Este espaço interliga-se directamente com a cota que lhe está acima, criando estreita relação com a escola Gonçalo Ribeiro Telles, na sua versão que ainda há de ser, mais precisamente com o espaço de acolhimento – coberto e ao ar livre – que, aqui, conforma uma outra praça. Entre estes dois pólos – a escola e a igreja – atravessasse um arruamento arborizado que propicia um ambiente plácido e vivo, favorável a uma atmosfera acolhedora e tranquilizante, e que, com a sua presença difusa e ténue, intermedeia as diferentes predisposições dos dois programas.

O adro constitui-se, então, como um espaço arquetípico no conjunto e inclui os elementos significativos e identitários – nomeadamente a cruz na fachada da igreja. Este adro comunica directamente, através de uma larga passagem em ponte, com o nártex, que também acolhe as escadas que, maciças, interligam directamente a praça, abaixo, com a igreja.

a forma do espaço litúrgico

A história das formas das igrejas está marcada, no ocidente, pelo arquétipo da basílica. Esta propõe com bastante continuidade a planta rectangular, orientada segundo o eixo maior. No entanto, a revisão do

conceito de Igreja pelo Concílio Vaticano II deu origem a uma conseqüente experimentação de novas formas para o edifício-igreja. Esta experimentação verificou-se frequentemente excessiva, perdendo-se a memória e a capacidade mais ou menos consciente de reconhecer o edifício-igreja pelos aspetos elementares da sua forma interior e exterior. A presente proposta conjuga a proporção tradicional da igreja de uma só nave, com as orientações do Concílio da não separação rígida entre a assembleia e o presbitério. Conjuga-se assim uma orientação predominante com a forma da assembleia que encontra no altar o seu centro litúrgico de referência. Procura-se alcançar uma certa verticalidade espacial ao mesmo tempo que se procura uma clara hierarquia entre a nave principal e a nave lateral que, no seu desenvolvimento, estrutura um espaço mais recolhido e organiza os lugares para o baptistério, à entrada, e para o confessionário, no topo oposto. Este espaço, de menor escala em virtude do tecto rebaixado, vê as suas paredes revestidas a azulejos e nelas postos os nichos onde se colocam os santos – Nossa Senhora e Santo António – ficando o padroeiro, São José, reservado para o acolhimento, à entrada, junto da pia de água benta. Ao imaculado branco das paredes e dos tectos contrapõe-se o pavimento e o corta vento em soalho de madeira de casquinha, que também constrói os bancos da assembleia. O pódio onde se acha o altar, por sua vez, é pavimentado a mármore, material usado igualmente no cadeiral da presidência.

os elementos do espaço litúrgico

A celebração cristã é ação do próprio Cristo, mas o seu sujeito tangível é a assembleia reunida em seu nome. A forma da assembleia e a sua referenciação aos polos litúrgicos da palavra (ambão) e da mesa eucarística (altar) são as primeiras condições de possibilidade da participação ativa dos fiéis requerida pela reforma litúrgica do Concílio. Neste sentido apresentam-se duas soluções alternativas ou intercambiáveis. Uma certa flexibilidade da organização do espaço permite uma adequação flexível às coordenadas sociológicas e religiosas da comunidade cristã. Uma solução é mais tradicional, na outra, a assembleia é mais envolvente do altar, mas em ambas se quer evitar uma frontalidade dura na celebração versus populum. O avanço do altar é vantajoso, enquanto que ao ambão é pedida uma boa visibilidade desde todos os lugares. A oportunidade de construir a igreja pode ser também a oportunidade de uma reflexão sobre o espaço litúrgico contemporâneo, contemplando a formação e participação da própria comunidade.

Assinalam-se igualmente como elementos do espaço litúrgico: o lugar da presidência na sua tensão entre diferenciação e pertença à assembleia; uma reserva eucarística não axial; a associação simbólica entre o altar e a cruz, e funcional entre o altar e a credência. O dinamismo do espaço interior da igreja no seu conjunto compreende ainda a tensão entre as orientações axial, que passa pelo altar, e ad orientem simbólica e escatológica, um pólo da Glória fortemente marcado pela abertura zenital de luz natural.

Esta disposição dos elementos litúrgicos é regida pela celebração da missa, sacramento principal, ao qual se associam, numa igreja paroquial, outros dois espaços sacramentais com requisitos próprios: uma pia batismal, junto à entrada, capaz de reunir os participantes em seu redor; e num lugar mais recolhido um espaço para o sacramento da reconciliação.

Uma igreja tem sempre dois modos principais de utilização: a celebração dos sacramentos, em particular a missa de Domingo, e o uso quotidiano de quem entra para estar em silêncio e rezar. Daqui decorre o cuidado tão importante com a luz e a acústica. A luz, elemento fundamental da arquitetura, é particularmente importante na igreja, onde a luminosidade acentua a dimensão festiva da celebração e a

penumbra a dimensão do recolhimento orante; diga-se o mesmo da acústica na sua gestão da alternância entre a palavra e o silêncio.

#### as casas mortuárias

As casas mortuárias acham-se dispostas no nível da praça, tal como requerido no Programa Preliminar. Dispõem de dois acessos – um destinado aos enlutados, outro reservado às entradas e saídas dos féretros. O acesso dos acompanhantes encontra-se em posição central na praça, mediada pelo conjunto formado pela escada, banco e árvore que, na soma, determinam um espaço de encontro, recolhido e amplo, um espaço de reunião e preparação. Este lugar articula-se directamente com a praça coberta, a seu lado, que possibilita estadia equivalente em dias de chuva ou de excessivo sol. O estabelecimento de um segundo acesso, mais reservado, procura possibilitar procedimentos tácitos de entrada e saída dos caixões, procedimentos que causem o menor desassossego e que permitam uma mais fluida sequência neste sacramento. Esta entrada permite ainda um facilitado acesso ao carro funerário, que estacionará junto dela, sob a árvore que marca e abriga este lugar.

As duas casas mortuárias, dispostas lado-a-lado, constituem-se como duas pequenas capelas, que se pretendem idealmente proporcionadas e dotadas de uma ambiência tranquila que suscite a necessitada serenidade. São espaços oblongos, singularmente iluminados que, pela disposição dos seus assentos e pela posição do altar, procuram uma maior comunhão em torno do ente falecido. As casas mortuárias são antecedidas por um átrio que é, assim se queira, parte integrante do Centro Paroquial e que dispõe das instalações de apoio requeridas.

#### acessos e estacionamento

O adro da igreja encontra-se num patamar intermédio entre a nova praça - que se dispõe ao longo da rua Rainha D. Brites – e a escola Gonçalo Ribeiro Telles. O adro, lugar de chegada e reunião, liga directamente e de nível às ruas do bairro, quer a norte, quer a sul. As restantes ligações, com a praça abaixo e com a escola, acima, fazem-se através de escadas e rampas, no integral cumprimento das determinações do DL 163/2006 que, a este respeito, regula. Como ligação complementar, entre a cota da praça e o adro da igreja, existe um elevador integrado no programa conjunto das Casas Mortuárias e do Centro Paroquial. Este elevador pode ser utilizado nos casos em que tal se venha a verificar necessário, de um modo circunscrito e em horários controlados.

O estacionamento acha-se disposto nas laterais da nova escola, completando-se um total de 54 lugares. Estes lugares permitem o acesso de nível tanto à escola como à igreja em virtude das suas ligações múltiplas. Também a ligação à praça se faz eficazmente por intermédio das escadas e rampas já mencionadas.

#### arranjos exteriores

No âmbito do enquadramento deste conjunto na paisagem, o projecto parte de uma clara leitura do território e fundamenta-se na intenção de ancorar a área de intervenção na envolvente, ajustando-se à topografia do lugar e assegurando a continuidade dos circuitos pedonais, de forma a consolidar a centralidade deste lugar e a estabelecer uma relação complementar com o coberto arbóreo da encosta de Monsanto a montante.

Nesse sentido, a proposta para o espaço público exterior é indissociável da própria arquitectura que o define e constrói. Formaliza-se na grande praça agregadora, nas generosas rampas e escadas que lhe dão acesso e nos arruamentos perimetrais, sendo as árvores e as peças verdes propostas criteriosamente implantadas, de modo a enfatizar pontualmente alguns alinhamentos e aspectos particulares do novo edificado, a gerar áreas de estadia de maior conforto e a melhor enquadrar os necessários acessos e estruturas viárias envolventes.

A escolha de pavimentos e revestimentos assentará em critérios de funcionalidade, sustentabilidade e integração, pretendendo-se seleccionar materiais naturais, resistentes, simples e ajustados à natureza deste espaço particular – calçada de granito e lajedos de granito na praça e no adro, calçada de vidro nos passeios perimetrais, em continuidade com o arranjo do bairro.

De um modo geral a estrutura de plantações proposta tenta preservar os exemplares arbóreos em bom estado fitossanitário, melhora substancialmente o conforto e enquadramento das áreas de estadia e acompanha a rede de circulação pedonal e o estacionamento automóvel.

Na selecção do elenco vegetal privilegiar-se-ão espécies autóctones ou características da paisagem envolvente, particularmente adaptadas às condições edafo-climáticas em presença e constantes no elenco florístico de Monsanto ou da cidade, que se destaquem pela expressão da folhagem ou pela floração que apresentam em determinada altura do ano.

A pontuar dois momentos particulares da praça, propõe-se a plantação em caldeira de duas árvores de porte majestoso e folhagem ou floração marcantes, como a magnólia (*Magnolia grandiflora*), junto às capelas mortuárias, e a tília (*Tilia cordata*), em frente ao Centro Paroquial.

Nos passeios e passagens pedonais perimetrais, preconiza-se a plantação em caldeira de árvores com um desenvolvimento adaptado a arruamentos, como o bordo (*Acer pseudoplatanus*), a olaia (*Cercis siliquastrum*), o freixo (*Fraxinus angustifolia*) ou a ginkgo (*Ginkgo biloba*), esta última particularmente adequada ao passeio que dá acesso ao adro da igreja, pela sua longevidade, pela expressão particular da sua folhagem e pelo porte característico. Ao longo do muro de suporte que delimita a chegada ao adro, prevê-se também a plantação de espécies trepadeiras na base desse muro, gerando assim um plano de fundo orgânico que assegure o enquadramento cuidado desta área de chegada à igreja. Entre o centro de saúde e a praça, prevê-se a preservação do coberto arbóreo existente e a plantação de arbustos de revestimento na peça verde onde se inscrevem.

Ao nível da rede de águas e de drenagem de águas pluviais, a integrar nos respectivos projectos de especialidade, será garantida a alimentação de água em todos os pontos necessários, assim como a recolha de águas pluviais nas superfícies pavimentadas e nas áreas verdes que o justifiquem. Para facilitar a manutenção dos espaços verdes no futuro e minimizar o consumo de água, para além do recurso a espécies pouco exigentes em termos de recursos hídricos, propõe-se a instalação de um sistema de rega automatizado eficiente em todas as zonas verdes, incluindo sectores de rega localizada por brotadores, por micropulverização ou por gota-a-gota.

estrutura

Na proposta identificam-se dois corpos autónomos que integram as distintas áreas programáticas: a igreja e o conjunto formado pelo centro paroquial, centro social e onde também se incluem as casas mortuárias.

O volume da igreja, com planta rectangular com cerca de 14x25m, eleva-se do solo apoiando em 4 pontos – pilares que constituem paredes em betão armado, localizados nas 2 escadas de acesso à igreja, no canto junto do tanque de água e, já fora da área de implantação da igreja, no limite do volume do centro paroquial. Estes elementos dão apoio a uma viga perimetral colocada ao nível do piso 1, a partir da qual arrancam os elementos verticais, mais regularmente espaçados, que suportam a viga periférica de cobertura. Ambas as lajes, do piso 1 e cobertura, são do tipo *Cobiax*, aligeiradas pela incorporação de peças de polipropileno no seu interior, e apoiam unicamente nas referidas vigas no limite do volume, sem apoios interiores. O volume do centro paroquial e casas mortuárias, em betão aparente pelo exterior, é parcialmente enterrado. Estas paredes são os únicos elementos verticais do edifício, e dão apoio às lajes maciças de piso e cobertura.

A resistência ao fogo e a durabilidade das estruturas – aqui particularmente relevantes por se tratar de um equipamento público – são também fácil e eficazmente conseguidas pela escolha da composição do betão adequada às exigências de utilização e às solicitações externas e ambientais, bem como pela definição de adequados recobrimentos das armaduras. Os custos de manutenção dos elementos estruturais são assim muito reduzidos. O dimensionamento das fundações, bem como da solução de escavação e contenção periférica, carece da necessária a execução de sondagens e da elaboração de um estudo geológico-geotécnico no local.

#### térmica e energia

O conforto traduz-se no equilíbrio de diversos factores que, em conjunto e de forma articulada, afectam o bem-estar - a temperatura, a humidade, a iluminação, a qualidade do ar e a qualidade da envolvente. No projecto foi calibrada a relação entre a envolvente opaca e a envolvente envidraçada, tidas em conta a exposição solar e a volumetria, tudo com o objectivo de controlar a iluminação natural com vista ao melhor controle térmico e lumínico. O objectivo das soluções preconizadas é a obtenção de um edifício classificado como «*NZEB*», ou seja, um edifício com necessidades quase nulas de energia, indo ao encontro dos objectivos definidos no Decreto-Lei n.º 118/2013 de 20 de Agosto, na sua actual redacção.

O corpo da igreja apresenta um factor de forma que proporciona a ventilação natural, e está constituída de forma a que as necessidades de arrefecimento e aquecimento sejam reduzidas. Em todo o caso, verifica-se a necessidade de promover o aquecimento ambiente em períodos de utilização muito específicos recorrendo-se, para o efeito, à utilização de um sistema radiactivo (temperatura uniforme ausência de ruído) que integra um sistema de pavimento radiante hidráulico a baixa temperatura. A central térmica será responsável pela produção de água quente, por intermédio de bombas de calor cuja alimentação eléctrica se prevê também assegurada por painéis solares fotovoltaicos – instalados na cobertura do edifício - que produzirão energia suficiente para autoconsumo, podendo suprir as necessidades afectas ao aquecimento ambiente e, na sua ausência, ao consumo corrente. Pelo tipo de utilização e tendo em conta as muito reduzidas necessidades de arrefecimento e de aquecimento, prevê-se a utilização de sistemas de climatização tipo *VRF* (autónomos do edifício da igreja) para o corpo que integra o Centro Paroquial, o centro Social e as Casas Mortuárias. Estes sistemas destinam-se a um uso muitíssimo pontual, em dias extremos que impliquem a correcção da temperatura necessária para assegurar a devida renovação de ar que, à excepção das IS, será integralmente garantida por soluções passivas.

## **equipa de projecto**

Pedro Matos Gameiro e João Favila Menezes

arquitectura

Pe. João Norton

consultoria

Filipa Menezes

arquitectura paisagista

João Paulo Cardoso

fundações e estruturas

Rui Batista

térmica e climatização

Luís Mira

instalações eléctricas, comunicações, segurança e segurança contra incêndios

José Rosendo

águas e esgotos, condicionamento acústico